

O ESFORÇO QUÂNTICO NO LABORATÓRIO DA CRIAÇÃO EM DANÇA: COSMODANÇA

Soraia Maria Silva¹

Resumo:

A cosmodança se dá no encontro da linguagem cosmocorpo, onde as artes do tempo (poesia, música) são atualizadas no espaço e as artes do espaço (pintura, escultura) são atualizadas no tempo. Esse laboratório cosmogônico do movimento configura as qualidades naturais e artificiais do esforço humano. A alquimia do tecnomovimento pode ser configurada em um esforço quântico de coletividades dançantes. Nos ambientes remotos, identidades moventes estabelecem diálogos cênicos a partir da cosmodansintermediação propondo potências tônicas para os corpos em orquestrações coreográficas no multiverso cosmopolítico da dança.

Palavras Chave: Cosmodança; Esforço Quântico; cosmodansintersemiotização, cosmodansintermediação.

Resumen:

La Cosmodance abstracta tiene lugar em el encuentro del lenguaje cosmocorpo, donde las artes del tiempo (poesía, música) se actualizan em el espacio y las artes del espacio (pintura, escultura) se actualizan em el tiempo. Este laboratorio cosmogónico de movimiento configura las cualidades naturales y artificiales del esfuerzo humano. La alquimia del tecnomovimiento se puede configurar em um esfuerzo cuántico de colectividades de baile. En entornos remotos, las identidades em movimiento establecen diálogos escénicos desde la cosmodansintermediación proponiendo poderes tónicos para los cuerpos em orquestaciones coreográficas em el multiverso cosmopolítico de la danza.

Palabras clave: Cosmodaná; Esfuerzo cuántico; cosmodansintersemiotización, cosmodansintermediación.

Participar do Colóquio Internacional Cosmopolíticas II: *Tiempo de cosmopolíticas, tiempo de necropolíticas*, foi um esforço quântico, no sentido da reunião de múltiplas perspectivas expansivas do conceito cosmopolítica. Nesse espaço me propus pensar questões próprias do meu campo de pesquisa, a cosmodança e suas prospecções, nesses nossos tempos atuais. Mas as falas remotas, proferidas em ambiente virtual no espaço

¹ Soraia Maria Silva (Universidade de Brasília, Departamento de Artes Cênicas, soraia@unb.br)

do Colóquio², nos permite uma revisitação digital precisa das performances/falas proferidas pelos colegas, suas expressões seus gestos seus ângulos e entonações, suas luzes, qualidades de conexões, seu ambiente de fala...seus esforços permanecem como como índices para um suplemento necessário ao desenvolvimento dos temas aqui propostos. Corpos enquadrados conectados e com tempos delimitados, estamos destinados à domesticação de nossas falas e gestos, os quais plenos de atravessamentos e interferências de todas as espécies, precisam necessariamente ser mais precisos e econômicos que nunca. Nessa comuna Cosmopolítica trago passos/palavras, acautelados, no desenvolvimento de um gesto/esforço quântico encaminhados pelo acolhimento aconchegante do grupo organizador do evento.

Claro que o campo da dança e do esforço humano, principalmente com as pesquisas de Rudolf Laban, já foram amplamente estudados, em categorias que levaram essa arte ao terreno da ciência do movimento. Como ele, um artista/cientista forjado em essências expressionista, onde luz e sombra, vida e morte afetam a disposição das teorias, também nós nos preocupamos com a capacidade de sobrevivência do movimento humano, em um ambiente de transição. Na sua época Laban, em plena revolução industrial, se preocupou com o esforço do movimento humano no desempenho, além de sua aplicação na dança/teatro também nas habilidades motoras dos trabalhadores das fabricas. Já nós, nesse exercício pandêmico de isolamento forçado, da implementação do *home office*, nos incomodamos com toda uma gama de esforços advindos da lida diária com *hardwares* e *softwares* e suas necessidades de domínios específicos do movimento. Nosso mundo atualiza um certo espírito naturalista/expressionista, onde as luzes quânticas do domínio sobre tecnologias avançam sobre o nosso ser ao mesmo tempo em que a impotência perante a morte se espalhando sob o império da COVID 19. Tal desafio se impõe sobre a nossa natureza, abalando todo o edifício cultural/econômico/tecnológico/ecológico em que estamos inseridos. Nunca se falou tanto em violência e abuso no interior das relações familiares. A invasão alienígena se dá no seio das casas atravessadas por um tsunami de informações. Lidar com o outro nunca foi tão desafiador. O corpo quase sempre fica relegado a uma dualidade crônica entre um hipotonismo e o hipertonicismo imposto, hora pelo enclausuramento das quarentenas e hora pela imposição estética de danças divulgadas na cultura digital pop. Nesse contexto nada mais

² Ver: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLhpD3izdSen6hPNeVES6vsK4K11w4AzBF>

propício que pensarmos o corpo que dança, que quer dançar e as inserções artísticas de uma cosmodança e os esforços quânticos do corpo que se propõe ao movimento.

No exercício aqui proposto trago a fala de Hilan Bensusan (2021), o qual apresenta a amplitude do pensamento Cosmopolítico, como pensamento feral, de animal híbrido, que pode ser sequenciado em seus genes e memes, repetitivos e excessivos. Para Hilan existem sete categorias desse sequenciamento entrelaçadas entre **ecologia das práticas** (entre humanos e não humanos), **estereofonia** (ressonâncias imprevisíveis e transmissões de fluxos), **antropologia da natureza** (animismos com relações diplomáticas), **história do Ser** (o nascimento como evento no tempo cósmico e no tempo político), **espectrologia** (o hiperanimal, a força ativa da imagem), **economia geral** (disputas sobre o passado e o futuro, o acúmulo e o excesso) e a **xenologia** (a metafísica do outro, recurso, natureza, encontro). Para finalizar sua fala Hilan aproxima a metáfora da prática xamânica ao comparar que assim como as micropolíticas, as macropolíticas e as cosmopolíticas, os animais, humanos e espíritos são perspectivas em movimento de domínios e conspirações mais de direita ou de esquerda. Acho apropriado refletir sobre esse sequenciamento genético elaborado por Hilan, como categorias próprias do pensamento Cosmopolítico expandindo-o para uma reflexão também no campo quântico da cosmodança aqui proposta sob auspícios contemporâneos. Já que essa transmutação xamânica pode ser observada como um fenômeno próprio da perspectiva quântica.

No artigo de Bruno Vaiano (2020) sobre física quântica, podemos observar “a bagunça elegante” da mesma e suas proposições, transcendendo o quântico operante como moda do pensamento na atualidade. No texto, os atravessamentos quânticos de paredes, e comunicações por “telepatia” realmente parecem ser a parte fácil. A física quântica enquanto ramo da ciência que descreve o funcionamento do mundo em escala microscópica, trabalha com a teoria da luz interpretada como uma fusão das teorias de onda e partícula. E aqui é interessante notar: há uma espécie de livre arbítrio dessas ondas/partículas, as quais oscilam entre ser uma ou outra coisa, incluindo a variante do olhar do observador.

Começando pelo gene da **economiageral** cosmopolítica hilaniana, para pensar a Cosmodança (e aqui vai a disputa dos excessos da Soraia), entre muitas experiências com a

dança trago aqui uma em particular: vivenciar o corpo grávido dançando³. Trago essa lembrança de grávida dançante, colada à metáfora das aflições de uma mãe Minemosine, impregnada em corpo/memória, parindo entre tantas musas, uma que dança. Essa mãe memo ensina do ambiente primevo onde as musas são gestadas.

Justamente a dança, como o “arco entre duas mortes”, entre a queda e a recuperação do bailarino, cujo tute lamento quântico⁴ se faz no embate com o campo gravitacional⁵, traz em sua própria ontologia genética uma criptografia quântica ihackeavel como mensageira atualizadora do espaço/tempo. Qual das artes não estão previamente gestadas na do movimento? Então me parece interessante ressaltar essa importante impregnação, em que a dança é uma espécie de potência original integralizadora em um jorrar de conexões estéticas, dansintersemiotizadoras⁶. E tal qual todo princípio feminino prenhe, é uma arte posta em sacrifício, o sacrifício do novo em processo de separação. E eis aqui mais um gene da sequência Hilaniana: a **história do Ser**.

Não que eu queira aqui resgatar o papel da Arte da Dança na Filosofia, Nietzsche o fez muito bem, com seu texto de bailarino. E também, não que eu queira resgatar a dança de Shiva, um deus cuja coreografia cósmica de agenciamentos rítmicos de destruição e criação, impera na plenitude do tempo, com seu fogo destruidor de formas nas quais a poesia e a ciência, repousam. Mas a cosmodança como desterritorialização de sentidos do corpo e reterritorializações em movimento, também é ambiente de negociações e longevidade (que o diga Isadora com seu movimento confortável, no meio de métodos clássicos nada confortáveis). E aqui mais um meme: **antropologia da natureza**.

O uso da imagem de uma Terpsícore grávida de potências híbridas, em si já propensas às negociações pós-modernas, como exemplo cosmodançante, é uma filosofia de quadrinho. A descrição dos filhos de Terpsícore presente no site de um jogo virtual, é que eles são bem-dotados, malhados, alegres, felizes, com poderes que vão do domínio de danças,

³ Quem quiser ver imagens dessa experiência pode acessar: <https://youtu.be/Z-vEzkvsS6Q>

⁴ Conceito da física quântica que envolve a complicada união entre dois prótons, que naturalmente se repeliriam por terem carga elétrica positiva.

⁵ Justo a força da gravidade, enquanto campo quântico, responsável pela construção do tecido espaço/tempo que compõe o palco do universo, onde todas as partículas dão seu show, é a pedra no meio do caminho da física moderna, como aponta Vaiano (2020). Para ele o problema é que o gráviton não foi encontrado e ainda é um desafio filosófico, afinal “o que significa dizer que uma partícula é mensageira do espaço e do tempo?”

⁶ A própria dansintersemiotização, conceito que tenho desenvolvido para dar conta dos processos de apropriação epistemológicas na relação da dança com os objetos e temas aos quais ela tem se dedicado, poderia estar também em consonância com o gene da **ecologia das práticas** cosmopolíticas proposto por Hilan.

memória fotográfica, capacidade de hibridismos até ao domínio de armas curtas, advindos do conhecimento mágico do ritmo da natureza. E é no contexto dessas habilidades, e outras, que fluem os nutrientes da cosmodança, onde não há paz enquanto não há corpo, e o corpo quando o há, é sempre temporário. E agora há uma dança de pijamas, uma Cosmodança que quer agenciar poderes de interatividade do gesto desterritorializado, compartilhado, expandindo identidades, práxis, aplicativos, máquinas de rostidade e seus rastros por vezes narcísicos. Essas coreografias das multiplicidades risomático performáticas, na invasão de ninhos, de corpos em isolamento ,reverbera o gesto sobrecarregado de informações. Esses dias sonhei que estava com um *mouse* na mão tentando acionar um dispositivo qualquer para desligar a mente do excesso (e claro eu não conseguia encontrar esse dispositivo, só quando revirei os olhos, no sonho, percebi que era sonho e consegui sorrir das frustradas tentativas). Mas, assim como as práticas tecnexamânicas e tecnomágicas, qualquer sequela ou obsolescência gera um impulso criador, catalizador de novas alquimias, assim são os caminhos no cosmocorpo.

Também esse foi o esforço romântico de um pai coreógrafo que desenvolveu uma prótese para os pés de sua filha bailarina: a sapatilha de pontas, que elevou a arte da dança às negociações estéticas até hoje em vigor. Essa mágica de uma bailarina em equilíbrio precário lançou Giseles e Sífides como foguetes híbridos potentes para o mercado da dança e seus desdobramentos estéticos colonizadores (eis aqui a **estereofonia atuante**).

Porque estaria a arte nobre da dança, vinculada a esse projeto, os sapatos que fazem sangrar? Interessante essa hierarquização pela estética, e essa necessidade de dizer: eu supero, suporto, consigo mais. Mesmo Luz del Fuego com sua libertária política naturista (que para Eros Volúcia era considerada vedete e não bailarina), famosa por sua dança com cobras, aguentava todas aquelas picadas, curiosas negociações. Vale lembrar que para efeitos mercadológicos dançarinos, bailarinos, meretrizes, atores, atrizes, vedetes, e mais recentemente no Rio de Janeiro, os carnavalescos e sambistas, entre outros profissionais, pertencem ao mesmo sindicato dos trabalhadores.

Mas, e o mercado da dança atual? Recentemente viralizou na internet um vídeo de 27 bailarinos de várias companhias de dança, recriando a famosa dança do Lago dos Cisnes, em tempos de pandemia e quarentena, os bailarinos produziram suas versões da morte do

cisne em suas próprias banheiras, filmados em *Lockdown*.⁷ Terpsícore nunca abrirá mão de suas filhas híbridas, sereias de doces encantamentos (gene da **espectrologia?**).

“Será que as minhas discípulas terão um gesto capaz de transcende-las e permanecer além da nossa geração? ” Com essa pergunta Mary Wigman finaliza um documentário. Essa era a preocupação da *Ausdruckstanz*. Ao mesmo tempo que o balé se fortalecia enquanto linguagem, o gesto disruptivo de Isadora seria adotado pelos pensadores e fazedores de dança/performance com projetos futuristas (os reformadores do monte Verità). Desse grupo, Jooss (premiado com sua famosa obra *A Mesa Verde*, de 1932), foi o que mais negociou com a morte para gerar a vida na dança/teatro, com ele classicismo e expressionismo coabitaram no gesto da bailarina. Esse grupo resgata a visão da dança como laboratório cosmocorpo preñado de possibilidades integrais de atualização das artes do tempo no espaço e as do espaço no tempo. Laban trabalhou no sentido de inserir a dança no campo das representações simbólicas e abstratas, instrumentalizando-a para o campo analítico. Tal alquimia não é pouca, já que seus lastros de práticas notadamente ecológicas, bem no sentido de Stengers, da invenção das maneiras que poderiam ensinar a fazer coexistir práticas diferentes, e aqui diríamos em uma dança orquestrada dos campos gravitacionais individuais. Nesse sentido, os mundos múltiplos de linguagens e fazeres de corpos expressivos, expandidos cada vez mais aos corpos de remotos praticantes, têm seus pontos de convergência no laboratório primeiro da dança. Do animismo expressionista à pós-dança maquínica processada em aplicativos, encontramos os fazeres da ecodança atual, esses novos *influencers* empreendedores e praticantes com seus tutoriais. Os fazedores multiplicam-se tiktokeando seus quadris e sorrisos enigmáticos em uma linha do tempo repleta de rastros. Qual é o encanto desse mercado de aplicativos dançantes afinal? Haja visto os prolongamentos tecnoalquímicos da multinacional *Byte Dance* (a *startup* chinesa mais valiosa do mundo), contaminando os corpos moventes no ocidente? Seria essa uma onda atualizada dos bailados propaganda, operante no naturalismo, mas que agora atingiu novos estratos digitais?

Mas o chamado da cosmodança enquanto política de conciliação estética e de estilos de corpos movente, passa por agenciamentos de poderes da cena. Na escola clássica temos papéis definidos. Na escala da cena um corista raramente atinge os holofotes. Já nas

⁷https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2717908118499004&id=1567945623495265&sfnsn=wiwspwa

tratativas pós-modernas, até mesmo do balé clássico (com sua exportação de mão de obra dançante diretamente da favela para o *Royal Ballet*), apesar dos deslocamentos do *status quo*, mesclando diferentes corpos, cores e gêneros, extrativismos permanecem. Muito já se questionou, por exemplo, apesar da abertura para uma possibilidade de práticas de danças mais individualizadas, se elas não estão a serviço do gênio de um determinado coreógrafo/diretor. Afinal, como afirma Stengers (2018) todo encontro entre heterogêneos tem consequências secundárias, e penso que o mesmo ocorre nas negociações do ego estético na cena, e mais uma vez aqui aplicamos o meme/gene da **xenologiacosmopolítica** na proposição hilaniana.

Mesmo no ambiente profissional e político/estético da dança, onde bailarinos, negociam várias atividades para complementar a renda, o artista vivencia a primeiridade do eu desdobrado, em questionamentos e julgamentos de suas próprias habilidades de esforço/forma e suas possíveis interações e compartilhamentos. Essas negociações agora, para além das conciliações maquínicas, do movimento do besouro, ou da girafa, ou das coreografias do corpo cotidiano, ou da clássica, elas são também uma negociação coreográfica intermeios e interplanetária. Como bem lembra Bruno Latour(Basset, 2019)ao falar que sob a influência do projeto californiano, pós-humano, as pesquisas espaciais, a inteligência artificial, a robótica as pessoas passaram a viver em planetas diferentes e que mesmo no ambiente da pós-verdade deveríamos ser capazes de manter um mundo compartilhado. Qual ciência da dança impulsiona poderia impulsionar esse compartilhamento?

Seria possível desenvolvermos uma dança que não precisássemos usar a energia, a potência de esforço de um outro corpo como modelo para nos movermos? Certamente sem essas leis corporais de convívio seríamos como os meninos e meninas selvagens, impregnados de toda uma gama de esforços advindos de uma fauna/flora possíveis na sobrevivência. Então seríamos *homo ferus*, desterritorializados dos esforços humanos. Nos relatos, essas crianças jamais conseguiram se vincular completamente aos rituais corporais da cultura social nas quais foram reinseridas. Essa capacidade humana de obter em seu próprio movimento a mesma configuração de esforço do movimento de qualquer outro animal, ou objeto ao qual ele contemple e tenha interesse em interagir, é única, conforme Laban, pertencendo basicamente ao domínio humano.Mas a questão da não adaptação dessas crianças selvagens,

aos esforços de domesticação fazem pensar. Aqui trago a fala de Juliana Fausto⁸ sobre o *Operador Feral*, a qual retoma questões sobre o *homoferus*, para além do *homo sapiens* (sua linguagem e cultura enquanto colonialismo e império) separando-o como distintivo entre animalidade e humanidade. Ela revê o problema das crianças ferais para falar da capacidade própria do humano nas condições em que tanto o mundo selvagem, quanto o mundo domesticado se desmoronam. Para ela o pensamento selvagem (para além das reservas a ele destinadas, como da Arte, proposta por Lévi-Strauss) seria aquele que torna possível a sobrevivência humana no antropoceno, possibilitando a remodelagem e a adaptação em um planeta prejudicado.

E o esforço pós-humano? Adriano Belisário, com seus estudos sobre tecnomagia e o tecnoxamanismo pode nos ajudar a prever alguns passos da musa tecnoterpsícore. A tecnomagia com sua apropriação da tecnologia para além do uso obvio, e do tecnoxamanismo, com suas práticas livres, da cultura hacker à ecológica, e seus duetos harmônicos eletrônico/telúrico, podem ser nutrientes para a cosmodança. Quiçá uma tecnodança com princípios alquímicos associada a uma liberdade de práticas tecnodigitais com base na produção colaborativa e na liberdade da informação esteja surgindo. Danças como produto de rostidade (sociais, tecnológicas, estéticas, biológicas) e seus aparatos de enunciação de uma protos subjetividade e suas possíveis ressonâncias mágicas, de fluxos cósmicos e moleculares, forças atuais e virtuais, afetos sensíveis e corporais, e entidades incorporais, mitos e universos de referência (Melitopoulos & Lazzarato, 2011), são gestos de negociações estéticas possíveis, uma cosmodança de alienígenas. Híbridismos possíveis para a nova pele dos ciberxamãs, com suas danças mágicas, e práticas compartilhadas nas cavernas remotas.

Certamente o computador está em plena operação pedagógica em nosso músculos e nervos, e o movimento maquínico, desde os clássicos spetrouchkas, às competições da cena breakdance, Ballroom, e aos desafios coreográficos mediados por aplicativos de dança, os quais buscam o compartilhamento de corpos dançantes, cada vez mais heterogêneos. Quais são os limites do corpo nessa direção? Seria possível uma dança maquínica anímica? Uma nova dança da bruxa, uma *ciberhexentanz*? Uma cosmodansintersemiotização e uma cosmodansintermediação estão em desenvolvimento, seus favorecimentos, agenciamentos e

⁸ Ver (min: 1:08:40): <https://youtu.be/wJDPrGi5Hhw?list=PLhpD3izdSen6hPNeVES6vsK4K11w4AzBF>

desdobramentos na natureza do corpo e suas pulsões primordiais aos princípios do movimento expressivo, a eles retornam. Uma cosmocoreografia, na qual o lance de dados Mallarmaicos opera gestos de corpos sem órgãos, com ciberdançantes vestindo máscaras cosmopolíticas, sapateando sobre a Mesa Verde (e porque não verde amarela e outras bandeiras) das negociações em dança, com suas armasPhygitalem mãos, e suas constantes atualizações epistemológicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- COSTA, Adriano Belisário Feitosa da; Eliska. FERREIRA, Pedro P. *Perspectivas tecnológicas e tecnológicas no ativismo digital brasileiro recente: uma trajetória possível*. In **Contemporânea**, São Carlos, v. 6, n. 2, pp. 335-367, 2016.
- BENSUSAN, Hilan. *La cosmopolítica es un animal*. In. **DasQuestões**, Vol.8, n.2, abril de 2021.p. 148-155.
- LATOUR, Bruno. **O sentimento de perder o mundo, agora, é coletivo**. Entrevista concedida a Marc Bassets. *El País*, Madrid. 31 MAR 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553888812_652680.html?fbclid=IwAR0K6_5Sn54wlnGGgkY9KjWAer2nDmx2fcV4uPk_aMsd0d6lYybcEz8qEw. Acesso em 30/11/2020.
- MELITOPOULOS, Angela, & LAZZARATO, Maurizio. *O animismo maquínico*. In **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo, N. 13, p. 7-28, 2011.
- SILVA, Soraia Maria. *O Surrealismo e a Dança*. In: GUINSBURG, Jacó & LEIRNER, Sheila (orgs.) **O Surrealismo**. São Paulo: Perspectiva, p. 405-462, 2008.
- SILVA, Soraia Maria. *O Naturalismo na Dança*. In: GUINSBURG, Jacó & FARIA, João Roberto (orgs.) **O Naturalismo**. São Paulo: Perspectiva, p. 641-664, 2016.
- STENGERS, Isabelle. *A proposição cosmopolítica*. In **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 69, p. 442-464, 2018.
- VAIANO, Bruno. *Física quântica: entenda de uma vez – ou não*. In **Revista Super Interessante**. Editora Abril: São Paulo, 2020. Disponível em: https://super.abril.com.br/especiais/fisica-quantica-entenda-de-uma-vez-ou-nao/?fbclid=IwAR0-cBf7255I82SONf11KmEO6C_Q5-97xahuN5_2SxayW_54MC3DhXfmhsw